

# APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE A COLONIZAÇÃO GREGA DA ANTIGA CIRENE

## *INITIAL NOTES ON THE GREEK COLONIZATION OF THE OLD CYRENE*

Monica Selvatici<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (2006). Atualmente é Professora Associada de História Antiga e Medieval e orientadora do Programa de Mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina.

Correspondência para: Monica Selvatici (mselvatici@ig.com.br)

Recebido em: setembro de 2019; Aceito em: novembro de 2019

## RESUMO

Este texto apresenta apontamentos iniciais acerca da colonização grega no período Arcaico da antiga região da Cirenaica, na costa do mar Mediterrâneo, onde atualmente se situa o nordeste da Líbia. O foco é colocado sobre a colônia de Cirene, estabelecida nesta região na segunda metade do século VII a.C. Analisamos, a partir das características apresentadas pelo assentamento urbano de Cirene, a sua designação como uma *apoikia*, buscando trazer ao primeiro plano sua especificidade geográfica, cultural e simbólica.

**Palavras chave:** Cirene; *Apoikia*; Período arcaico.

## ABSTRACT

This text presents initials appointments about the greek colonization in archaic period of the ancient region of Cyrenaica, in the coast of Mediterranean sea, where presently is located at the northeast of Lybia. The focus is placed on the Cirene colony, established in this region at the late middle century VII a.C. We analyzed, from the characteristics presented by the urban settlement of Cyrene, its designation as an *apoikia*, seeking to bring to the fore its geographical, cultural and symbolic specificity.

**Key-words:** Cyrene; *Apoikia*; Archaic Period.

## UM PANORAMA HISTÓRICO DA CIDADE DE CIRENE

Segundo o relato de Heródoto no livro IV das *Histórias*,<sup>132</sup> a cidade de Cirene foi fundada, por volta de 631 a.C., em um vale fértil nas terras altas do nordeste do território líbio por um grupo de emigrantes da populosa ilha de Thera, ao sul do mar Egeu. Cirene foi construída num platô, a 550 metros acima do mar, 16 quilômetros afastada da costa do Mediterrâneo, em excelente localização geográfica. Segundo Heródoto, a colonização ocorreu após a consulta ao oráculo de Delfos, que ordenou aos habitantes de Thera buscar nova morada no norte da África, de modo a escapar da fome. O líder dos colonos, Aristóteles de Thera, se tornou o primeiro rei da cidade (nomeado Bato pela população indígena) e iniciou a dinastia dos Batíadas, cujos integrantes governaram Cirene até aproximadamente 440 a.C. Sob esta dinastia a cidade prosperou economicamente e se expandiu, por meio do estabelecimento na costa de outras três cidades gregas – Barca, Teucheira e Euhesperides – sobre as quais ela mantinha influência. Já no período Helenístico, foi fundada uma quinta cidade de colonização grega, que recebeu o nome de Apolônia. Formava-se, assim, a Pentápolis. As animosidades entre as cidades eram muitas e uma cooperação entre elas se mostrou difícil, mesmo quando havia ameaça de inimigos em comum. Derivado de Cirene está o nome Cirenaica, conferido a toda a região.

Seguindo em direção ao interior, a região da Cirenaica permaneceu habitada por uma numerosa população nativa berbere. Martin Goodman (1997, p. 276) destaca que esta população se concentrava especialmente nas áreas semidesérticas e do deserto a sul e a oeste das cidades gregas. Tal população é referida na historiografia moderna pelo termo “líbios”, de modo a se fazer uma distinção em termos de povo e de língua entre ela e os povos e a língua púnicos – próprios da região de Cartago – que também se encontravam no norte africano. Goodman afirma que o povo atualmente

---

<sup>132</sup> O relato, que compõe um *logos* sobre a Líbia e Cirene, ocupa desde o capítulo 145 até o fim do livro IV, no capítulo 205.

designado por “líbio” não possuía um nome coletivo que o identificasse na antiguidade (1997, p. 276).

Após uma segunda chegada de colonos gregos à região, em torno da década de 570 a.C., as relações entre gregos e líbios se deterioraram. A ordem constituída sob o governo de Bato III não foi capaz de conter as hostilidades entre os grupos rivais e, por isso, em torno de 525 a.C., Cirene acabou refém de uma invasão persa, sob as ordens do rei Cambises II. Porém, após 480 a.C., a cidade recuperou sua independência.

Em 331 a.C., Cirene foi submetida por Alexandre o grande e, mais tarde, praticamente anexada pelo reino ptolomaico do Egito. No entanto, nominalmente, a cidade manteve sua independência até por volta de 221 a.C., quando da ocasião do casamento da filha do rei, Berenice, com o governante ptolomaico Ptolomeu III Evergeta. Nesse período, encorajou-se a imigração de judeus para a região. Sob os Ptolomeus, Cirene se tornou um grande centro intelectual do mundo helenístico, no qual se destacaram: o filósofo Aristipo, fundador da escola filosófica cirenaica; e, mais tarde, os bibliotecários da biblioteca de Alexandria, Calímaco de Cirene e Eratóstenes de Cirene, responsáveis pela criação do chamado “cânone alexandrino”, “a primeira grande seleção de autores e textos que mereceram, segundo seus critérios, passar a formar parte da coletânea”, conforme assinala Fidel Pascua Vílchez (2012, p. 29). Além disso, várias cidades cirenaicas foram ampliadas e receberam novos nomes: Barca foi renomeada Ptolemaida, Teucheira ganhou o nome Arsinoé e Euhesperides se tornou Berenice. Cirene permaneceu parte do reino ptolomaico até 96 a.C.

O poder romano sobre a região se fez sentir mais claramente a partir de 44 a.C., quando a Cirenaica passou ao controle de Antônio, após a batalha de Filipos e, posteriormente, em 41 a.C., nas suas doações de Alexandria a Cleópatra VII. Esta rainha, a última governante da linhagem dos Ptolomeus, soube explorar suas boas relações com os políticos romanos de maneira a estender novamente o poder egípcio sobre a ilha de Chipre e a Cirenaica. Posteriormente, por ocasião do Actium, a região da Cirenaica finalmente passou ao controle de Otávio. Não houve resistência ao

domínio romano por parte da população nativa que, no entanto, teve de arcar com as novas exigências de extenso pagamento de impostos por parte de Roma.

A região já constituía uma província romana em 27 a.C., quando foi colocada sob comando direto de um pró-cônsul que, a princípio, não manteria tropas na área. Esta situação teve de ser revertida com o rápido remanejamento de soldados para a província entre 5 a.C. e 3 d.C., em razão do início de ataques-surpresa promovidos pela tribo líbia dos Marmarides. O imperador Tibério solucionou tal problema ao construir toda uma linha de pontos fortificados e bem guardados ao longo dos limites com o deserto líbio.

Sob o domínio romano, Cirene manteve certa tranquilidade e prosperidade por dois séculos, com exceção do período da revolta dos judeus cireneus, em 115 d.C. Posterior a isto, o declínio econômico da cidade foi progressivo. Ele está relacionado à extinção do sílfio, uma planta usada na antiguidade como tempero e também como medicamento, com propriedades contraceptivas. O sílfio era um recurso natural da região cirenaica e sua resina o principal item nas trocas comerciais de Cirene. A economia local era, em grande parte, baseada na exportação de tal resina. Shimon Applebaum (1979, p. 20) explica que, desde os primeiros anos da colônia de Cirene, “uma supervisão rigorosa do movimento sazonal dos rebanhos era necessária, de modo a salvaguardar o sílfio como uma fonte de renda”, uma vez que os animais tentavam comer as folhas da planta.

A extinção do sílfio, associada a uma competição comercial com Cartago e Alexandria, resultou no declínio das exportações de Cirene. Mais tarde, em 262 d.C., um terremoto atingiu a cidade danificando severamente o templo de Deméter e Perséfone. No século IV,<sup>133</sup> outro terremoto atingiu fortemente Cirene, transformando suas construções em ruínas. Por fim, ela sucumbiu à conquista muçulmana em 643.

---

<sup>133</sup> Neste artigo quando não é indicada a anterioridade “Antes de Cristo/Depois de Cristo” (a.C./d.C.), trata-se da cronologia “Depois de Cristo” (d.C.).

O panorama histórico acima apresentado nos revela uma breve descrição acerca da cidade de Cirene, desde a sua fundação por colonos gregos da ilha de Thera até a organização da cidade e da região da Cirenaica em tempos romanos. Para o objetivo deste texto, centramos a análise sobre informações textuais e arqueológicas referentes ao tempo da colonização e estabelecimento da cidade no período Arcaico e sua organização como uma *apoikia*.

## CIRENE: UMA APOIKIA?

Um estudo do processo de colonização helênica do Mediterrâneo no período Arcaico ganhou novo fôlego e novos olhares a partir da década de 1990, com os trabalhos que adotam a teoria pós-colonial. Esta procura enxergar a diversidade de colonizações gregas em suas interações com as sociedades indígenas dos locais de assentamento, e não mais parte da noção de uma “helenização da barbárie”, como estudos anteriores haviam proposto.<sup>134</sup> De acordo com Adriene B. Tacla (2011, p. 66):

É preciso, pois, entender que esses assentamentos coloniais têm no início [...] uma identidade formal distinta como uma comunidade com laços culturais / rituais, econômicos, militares ou políticos com sua terra natal’ (Stein, 2002, p. 30). Esses laços comunitários com a cidade-mãe e suas demais colônias evidenciam a formação de redes no mundo helênico arcaico (...). Essa noção de rede abarcaria não só os laços de parentesco e amizade entre cidade-mãe e colônia, mas também de filiação étnica e religiosa.

---

<sup>134</sup> Estudos a partir da teoria pós-colonial têm procurado desconstruir uma visão helenocêntrica dos processos de colonização não apenas do período Arcaico, mas também do período Helenístico. Sobre essa época, o trabalho de Susan Alcock, *Breaking up the Hellenistic World: survey and society*, é pioneiro. A autora atenta para o fato de que as abordagens mais antigas sobre o período Helenístico foram coloridas pelas crenças e comportamento imperialistas, típicos do século XIX: “Iluminismo para as massas do passado, o dom do governo superior, adoção de uma língua comum (o grego *koiné*), estímulo econômico: ‘o fardo dos homens brancos’ europeus foi transferido para (...) os gregos e macedônios” (1994, p. 171).

De forma a analisarmos o caso específico de Cirene a ponto de classificá-la como uma *apoikia*, devemos atentar não apenas para o relato de Heródoto, mas também para os vestígios arqueológicos da cidade. Entre as edificações antigas encontradas em Cirene estão o templo de Apolo (datado do século VII a.C.), a ágora, o capitólio, a acrópole e o teatro. Quatro grandes áreas da cidade foram escavadas: a fonte e o santuário de Apolo, onde foram encontrados a Vênus de Cirene e uma enorme estátua de Apolo; a cidade alta, onde estão situados o fórum e uma basílica inspirada no *Kaisareion* de Alexandria, além de uma ampla casa decorada com variados mosaicos, datada do século II d.C.; o centro da cidade romana, no qual se eleva uma coluna dórica marcando o local do templo de Zeus, e onde se escavou uma gigantesca construção dórica que remonta a fins do século VI a.C. Por fim, na área externa aos muros, ao sul da cidade, foi amplamente escavado o templo de Deméter e Perséfone (fig. 1).

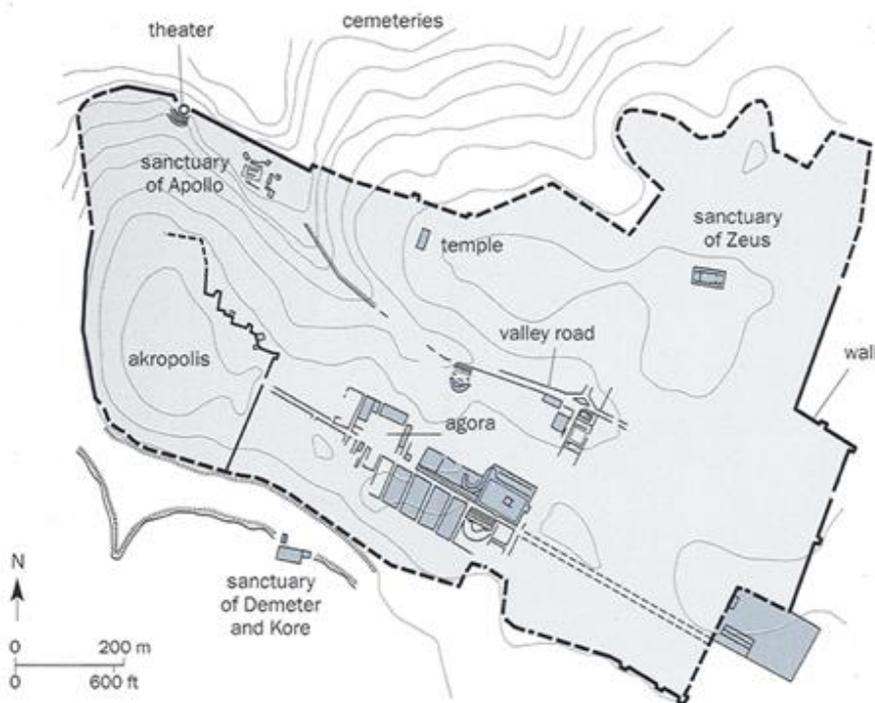


Fig. 1: Mapa de Cirene no período grego

Fonte:

<http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/classics/students/modules/greekreligion/database/clunav>

Adotamos para a reflexão teórica acerca da apropriação pelos colonos gregos do espaço que se tornaria a cidade de Cirene o conceito de espaço, tal como definido por Adam T. Smith. Segundo o autor “o espaço, definido com as relações entre corpos, formas e elementos, é o produto de negociações entre um conjunto de atores que competem com variadas capacidades de transformar estas relações” (2003, p. 72).

A partir da observação dos vestígios arqueológicos das edificações e instituições próprias das cidades gregas, presentes em Cirene, torna-se evidente que os primeiros colonos, desde o princípio, organizaram o espaço urbano dela como uma *polis* e não apenas como um entreposto comercial, o *emporion*. Com efeito, o elemento religioso é o mais destacado entre as construções iniciais da cidade. Além do proeminente templo de Apolo, datado ainda do século VII a.C., as evidências revelam um templo dedicado a Zeus, possivelmente erigido no século seguinte, e um templo “extramuros” construído concomitantemente ao processo de colonização e dedicado a Deméter, deusa da agricultura, e sua filha Perséfone.

Donald White, arqueólogo responsável pelas escavações conduzidas no templo de Deméter e Perséfone, afirma que: “O estabelecimento muito recuado no tempo do culto a Deméter na região de Cirene deriva da base agrária da economia da cidade” (1984, p. 27), cidade essa que, mais tarde, ganharia reconhecimento pela fertilidade de seu solo e abundância de gado. A apropriação do espaço do vale fértil no platô cirenaico pelos primeiros colonos gregos teve contornos específicos, mantendo durante os primeiros sessenta anos – antes da chegada da segunda leva de imigrantes –, uma delicada relação simbiótica com as exigências agrícolas dos nativos líbios e aquelas ligadas à transumância de seus rebanhos. White sumariza da seguinte forma:

Com efeito, até que a comunidade grega crescesse em tamanho a ponto de deslocar efetivamente os líbios nativos das áreas de pastagem nos arredores do platô, seus membros precisavam regular sua produção de grãos inicial de forma próxima com a pastagem sazonal e as exigências de cultivo dos líbios (1984, p. 29).

Elaine F. Veloso Hirata, em sua exposição sobre a colonização grega da Sicília, destaca a importância do culto a Deméter e Perséfone/Kore ali estabelecido.<sup>135</sup> A autora aponta que “o processo de ocupação e domínio dos espaços instrumentalizado pelo sagrado opera na Sicília como um todo: às paisagens sagradas correspondem paisagens de poder, espelham um processo de dominação (...) helenização dos territórios ocupados” (2011, p. 63). Podemos, de modo comparativo, enxergar a presença do templo a Deméter e Perséfone na área rural ao sul da cidade de Cirene como uma forma de helenização e apropriação grega do espaço rural líbio.

No entanto, podemos também enxergar a localização em Cirene do templo às duas deusas – se considerarmos esta primeira convivência pacífica entre imigrantes gregos e nativos líbios – a partir do viés da teoria pós-colonial, destacando a interação entre gregos e indígenas como tendo certo impacto na difusão do culto por toda a Pentápolis e, possivelmente, também entre os nativos que, por sua vez, podem tê-lo reelaborado conforme seus próprios usos. Afinal, Donald White destaca que havia “um caráter especificamente regional [cirenaico] nos seus ritos” (1984, p. 27).

Por fim, de forma a verificarmos o tipo de assentamento grego constituído por Cirene, devemos recorrer à definição erudita do termo *apoikia*. Segundo o *Oxford Dictionary of the Classical World*, uma *apoikia* designa:

Um assentamento em terra estrangeira, uma ‘colônia’, e por esta razão uma comunidade grega vista como distinta do tipo de entreposto comercial convencionalmente conhecido como *emporion*. Com efeito, uma *apoikia* pode ser definida como uma *polis* estabelecida em terra estrangeira por uma *polis* (ou *metropolis*: ‘cidade mãe’) na terra natal: Os processos oficiais requeriam a escolha de um líder/fundador.

Há evidências, a partir da análise dos vestígios arqueológicos dos ritos religiosos presentes na cidade, de que entre os primeiros habitantes gregos havia colonos não

---

<sup>135</sup> Esse culto também era identificado simplesmente como o culto às “duas deusas”.

apenas de Thera, mas também de outras ilhas ao sul do mar Egeu. Donald White afirma que

É muito possível que o antigo culto de Deméter tenha sido introduzido a partir de mais de um único centro. Embora não haja razão forte para se duvidar da centralidade do papel de Thera no estabelecimento dos ritos, Lacônia, Rodes e Creta foram todas igualmente capazes de desempenhar um papel auxiliar (1984, p. 27).

Ainda assim, a primazia de Thera sobre as outras localidades de origem pode ser verificada por meio da presença de um culto ao fundador, Bato, desenvolvido muito cedo em Cirene (provavelmente desde sua morte, em torno de 600 a.C.), e cujo túmulo foi amplamente escavado na ágora. De acordo com Irad Malkin, a ênfase em uma origem única, ligada a Thera, foi crescente entre as duas primeiras gerações de habitantes de Cirene. O autor acredita que

Com a passagem do tempo, a independência das outras cidades gregas na Cirenaica e pressões externas (Egito, Pérsia), as origens não “theranas” de muitos descendentes receberiam menos importância em razão da coesão crescente da identidade coletiva de Cirene. Provavelmente se tornou importante para muitos cireneus reafirmar o aspecto puramente “therano” do empreendimento colonial original: como se muitos mais pertencessem à ‘aristocracia’ comunal dos primeiros colonizadores (2003, p. 162).

Como se pode observar, a análise do processo de colonização de Cirene, acima realizada, identificou três importantes aspectos: (1) a apropriação do espaço do platô cirenaico pelos colonos gregos por meio do elemento religioso e as edificações próprias de uma *polis*; (2) os fortes laços existentes, ou recriados, com a cidade de origem, Thera; e (3) a presença de um fundador da cidade, ou, ao menos, de um culto a este suposto fundador, Bato.

Tendo em vista este conjunto de aspectos reunidos, chegamos à conclusão de que Cirene constitui um importante exemplo de *apoikia* estabelecido no século VII a.C. em território norte africano, no contexto da colonização grega do Mediterrâneo arcaico.

## REFERÊNCIAS

### Documentação textual

HERODOTUS. **History, books III / IV**. Londres William Heinemann, vol. 2, 1995.

### Bibliografia

ALCOCK, Susan E. Breaking up the Hellenistic World: Survey and Society. In: MORRIS, Ian (ed.) **Classical Greece**. Ancient Histories and Modern Archaeologies. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 171-190.

APPLEBAUM, Shimon. **Jews and Greeks in Ancient Cyrene**. Leiden: Brill, 1979.

GOODMAN, Martin. **The Roman World**. London: Routledge, 1997.

HIRATA, Elaine F. V. Paisagem sagrada e paisagem política na Sicília Antiga. In: Claudia B. da Rosa; Juliana B. Marques; Adriene B. Tacla; Norma M. Mendes. (Org.). **A busca do antigo**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011, v. 1, p. 55-65.

MALKIN, Irad. 'Tradition' in Herodotus: The foundation of Cyrene. In: DEROW, Peter; PARKER, Robert. (Eds.) **Herodotus and his world**. Essays from a conference in memory of George Forrest. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 153-70.

PASCUA VÍLCHEZ, Fidel. A tradição e a sobrevivência das fontes gregas e latinas. In: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C.; SELVATICI, M. (Orgs.) **Textos e Representações da Antiguidade: transmissão e interpretações**. Maringá: EDUEM, 2012, p. 27-40.

ROBERTS, John. (Ed.) **Oxford Dictionary of the Classical World**. Oxford: Oxford University Press, 2007. eISBN: 9780191727061.

SMITH, Adam T. **The Political Landscape**. Constellations of Authority in Early Complex Polities. Berkeley: University of California Press, 2003.

TACLA, Adriene B. Identidade e Alteridade em Massália e Empóron: primeiras observações, in: TACLA, A. B.; MENDES, N. M.; CARDOSO, C. F.; LIMA, A. C. C. (Orgs.). **Uma trajetória na Grécia Antiga, Homenagem à Neyde Theml**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p. 65-83.

WHITE, Donald. (Ed.) **The Extramural Sanctuary of Demeter and Persephone at Cyrene, Lybia Final Reports**, 1: Background and introduction to the excavations. Philadelphia: The University of Pennsylvania Museum, 1984.